

A CIDADE E A MÍDIA: INFLUÊNCIAS NOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE JOVENS PERIFÉRICOS¹

Iris Menezes de Jesus²
Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

Neste trabalho pretende-se debater a relação entre juventude, direito à cidade e mídia, demonstrando as relações possíveis dentro dessas categorias de análise e suas influências na produção de subjetividade de jovens periféricos, observando como se constituem a juventude em situação de vulnerabilidade nos espaços urbanos e nos veículos midiáticos. As reportagens analisadas foram colhidas através de uma leitura direcionada pensando nos objetivos da pesquisa, utilizando-se de autores como Levebvre, Certeau e Guatarri para compor os principais conceitos.

PALAVRAS-CHAVE

Cidade, jovens, mídia, subjetividades e cotidiano.

APRESENTAÇÃO

A cidade como espaço educativo tem sido cruel com jovens periféricos. Por isso essa proposta pretende se debruçar sobre os atravessamentos cotidianos vivenciados por jovens em situação de vulnerabilidade social.

Ressalta-se que se pretende utilizar o conceito de cidade trazido por Henri Levebvre (2001, p.12) que nos apresenta a cidade como um grande laboratório da humanidade. Entendida pelo filósofo, como “centros da vida social e política”, as cidades constituem-se como importantes campos de observação da dinâmica social que os sujeitos produzem e reproduzem, em um constante processo de mediação com o território urbano.

Levebvre (2001, p.19) ressalta que a juventude “contribui para essa rápida assimilação das coisas e representações oriundas da cidade” atribuindo a este grupo um importante papel na apropriação e reconfiguração do “tecido urbano”.

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Doutoranda no programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano - UFF

Os jovens vivenciam e usufruem a cidade enquanto *flaneur*³, entretanto, muitas vezes não conseguem desfrutá-la em sua integralidade, já que não se sentem seguros em sua própria sociedade. Isso porque, ao que parece, o direito à cidade tem sido negligenciado a jovens periféricos, conforme pretende-se demonstrar.

Quando pinta em Copacabana
A caravana do Arará, do Caxangá, da Chatuba
A caravana do Irajá, o comboio da Penha
Não há barreira que retenha esses estranhos
Suburbanos tipo muçulmanos do Jacarezinho
A caminho do Jardim de Alá

Chico Buarque (2017)

O trecho da música retrata a realidade da juventude periférica hoje, praticamente impedida de circular livremente pelas ruas da cidade sem que sejam confundidos com potenciais criminosos.

Na faixa “As Caravanas”, Chico Buarque (2017) retrata em tom icônico o olhar da elite carioca ao se deparar com a chegada dos moradores das periferias na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. As caravanas representam os ônibus que partem de bairros periféricos e conduzem os jovens residentes das favelas cariocas até a privilegiada região que, habitada pela elite econômica e frequentada por turistas, abriga as principais praias e pontos turísticos da cidade.

ANÁLISE

A composição mostra o caráter atemporal da obra de Chico Buarque (2017) e faz uma alusão às abordagens policiais realizadas na Zona Sul carioca. Vastamente noticiadas pela mídia, tais abordagens apresentam um determinado “perfil” como principal alvo: o jovem, geralmente negro e morador de favela. A notícia publicada pelo Jornal Extra aponta “*PM aborda ônibus e recolhe adolescentes a caminho das praias da Zona Sul do Rio*” (JORNAL EXTRA, 2015). Nesse episódio 15 jovens, sendo 14 pretos, foram retirados do ônibus com destino a Zona Sul e levados à delegacia sob o argumento de que “estariam protegendo menores em situação de risco ou em flagrante de ato infracional”.

³ Para Baudelaire, conforme Benjamin (1989), o flâneur pode ser entendido como “o homem das multidões”, enquanto para Edgar Allan Poe, “é acima de tudo alguém que não se sente seguro em sua própria sociedade. Por isso busca a multidão” (BENJAMIN, 1989, p. 45).

Apesar de não terem cometido nenhum ato infracional flagrante, os jovens, foram vistos sob suspeita. Neste aspecto, dois conceitos tornaram-se extremamente relevantes para a compreensão das especificidades desse grupo social: o conceito de *estigma* (GOFFMAN, 1975) e o conceito de *sujeição criminal* (MISSE, 1999 e 2008).

Goffman (1975, p.13) define estigma como “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” na qual um determinado traço (atributo) diferencial não previsto transmuta-se pejorativamente em uma característica estereotipada sobre a qual se concentra toda a atenção acerca de determinado sujeito. Sentenciando-o a uma pré-condição que lhe é imputada apenas por ousarem extrapolar os limites classistas da cidade, já Para Misse (2008, p. 380) o processo sujeição criminal “cria a possibilidade de que um sujeito torne-se identificado com o ‘crime em geral’, e que ele torne-se assujeitado a um ‘crime’ que ainda não ocorreu.

Outra reportagem que traz uma triste informação aponta: “**Favelas do RJ têm quase 800 mortos em ações policiais desde que STF mandou restringir operações**” (G1.com, 2021). Estes dados são extremamente preocupantes, a violência policial acaba por fazer parte do cotidiano de jovens periféricos, e não pode ser naturalizada no meio social, já que os moradores de favela também têm direitos fundamentais, tais como à vida, à liberdade, à dignidade e à segurança, e não devem ter seus corpos alvejados sempre que o estado assim decidir.

Segundo, Silvia Ramos e Paiva (2007) existe um consenso da mídia sobre a cobertura estigmatizante que ela própria realiza sobre favelas e periferia, as autoras ressaltam que as coberturas focam muito em conflitos armados e ocorrências policiais e pouco discutem soluções para integrar as favelas de modo harmônico às grandes cidades.

Deste modo, é possível observar os cotidianos violentos percorridos por esses jovens que, ou são vítimas nos noticiários, ou são retratados com foco na violência e cometimento de crimes. Logo, entende-se o quão é necessário discutir essa juventude impossibilitada de desfrutar a sua própria cidade seja por punição estatal, discriminação social ou midiática.

Isto posto, pensando em discurso e cidade como indissociáveis (NETA,2016), faz-se possível uma relação entre a produção de subjetividades de jovens e seus modos de vivenciar às cidades, já que a apropriação da cidade pelos jovens compõe um dos

elementos estruturantes de suas identidades. Compreendendo subjetividade como algo produzido por instâncias individuais, coletivas e institucionais (GUATARRI, 1992).

Sendo assim, é essencial relacionarmos os modos subjetivação de jovens vulneráveis com os cotidianos experienciados por eles, entendendo que o “cotidiano é o espaço onde as práticas se realizam” (CERTEAU, 2013).

Desta forma, notamos que ao passo que jovens vivenciam cotidianamente situações de vulnerabilidade e violência, suas subjetividades podem ser produzidas por processos que envolvem essas práticas sociais, no entanto, esses sujeitos precisam experimentar novos modos de ser e estar no mundo, sendo assim é essencial que as cidades acolham e eduquem a juventude que a perpassa e a constitui.

Quanto a mídia, insta salientar que ela não só nos indica o que pensar, o que sentir, como agir, mas, sobretudo, nos orienta sobre o que pensar, e o que sentir. Dito isto, verifica-se que os meios de comunicação, são capazes de ditar regras e costumes, naturalizar expressões e construir discursos (COIMBRA, 2004).

Sendo assim, constatamos o quão é importante pensar a cidade não como uma mera demarcação espacial, e a mídia não apenas como propagação de notícias violentas, mas reconhecer que em ambas se estabelecem complexas relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do exposto, nota-se que é preciso pensar uma cidade, uma sociedade e uma mídia que sejam capazes de abrigar, acolher e educar jovens periféricos, que lamentavelmente ocupam preocupantes índices de violência e vulnerabilidade.

A juventude não pode ter seu direito de vivenciar a cidade cerceado, eles precisam experimentar a plenitude da cidade enquanto espaço que também é educativo, conforme ressaltado por Carrano (2008, p.63)

A cidade pode ser considerada educativa também no sentido ampliado de espaço-tempo social de relacionamentos, experiências públicas, compartilhamento de significados e vivências de situações conflitivas mais ou menos bem resolvidas pelos sujeitos.

Desta maneira, é urgente pensarmos em uma cidade em que todos tenham direito de experimentar plenamente, sobretudo, jovens negros e periféricos, possam produzir seus

modos de subjetivação, compor e enriquecer relações e ressignificar realidades e cotidianos.

Além do que, não pode a mídia contribuir para processos estigmatizantes e reprodutores de violência, pois ocupa um espaço significativo na sociedade atual, podendo influenciar nos processos de subjetivação desses jovens. Isto posto, ressalta-se a necessidade de se repensar a função dos meios de comunicação levando em consideração as vivências plurais e individuais e os cotidianos juvenis.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo**. Obras escolhidas. vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BUARQUE, Chico. **As Caravanas**. Rio de Janeiro, 2017.

CARRANO, Paulo. Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta. **Ciências humanas e sociedade**. Em *Revista*, Seropédica, v.30, n 2, p. 62-70, 2008.

CASSAB, Clarice. **(Re)construir utopias: jovem, cidade e política**. Tese de doutorado em Geografia. Universidade Federal Fluminense Niterói: [s.n.] 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2013.

COIMBRA, C. (2004). Mídia e produção de modos de existência. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722001000100002&script=sci_abstract&lng=pt.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LEVEVBRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **Espaço e Política; O direito à cidade II**. Tradução: Margarida Maria de Andrade; Pedro Henrique Denski; Sergio Martins. 2.ed Belo Horizonte: UFMG, 2016.

MEDEIROS NETA, O. M. **Por uma pedagogia da cidade: espaços, práticas e sensibilidades**, holos, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Natal, Brasil. vol. 5, pp. 105-115, 2016

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. 413 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro, 1999.

PAIVA, Anabela; RAMOS, Sílvia. **Mídia e Violência. Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Centro de Estudo de Segurança e Cidadania (CESeC), Rio de Janeiro, 2007.